

O RECIFE NO PERÍODO PRÉ-ESQUIZOFÔNICO (... 1890): O CIRCUITO SONORO E O APROFUNDAMENTO DA VIDA DE RELAÇÕES NA CIDADE

Cristiano Nunes Alves¹

1 - Bacharel, licenciado, mestre e doutor em geografia (Universidade Estadual de Campinas). Pós-doutorando em Geografia, FFLCH-USP. Email: cris7cris7@yahoo.com.br

Nota de PEsquisa recebida em 01/02/2015 e aceito em 06/04/2016

RESUMO

Objetivamos avaliar os nexos entre a dinâmica urbana e a música no Recife ao longo do tempo, centrando nossa análise no período anterior à chegada do fenômeno da esquizofônia - a cisão entre procedência e difusão sonora, engendrada a partir do telégrafo - na cidade. Baseando-se em levantamento bibliográfico e documental sobre a temática, meditamos sobre a urbe tomando como entrada a noção de circuito sonoro, o conjunto de materialidades e ações movimentados em torno das variáveis música e som. Destacando o exame dos processos formadores do território usado, apresentamos uma periodização para a música e a cidade do Recife. A partir do circuito sonoro desvelam-se os conflitos constituintes de uma urbe historicamente marcada pela desigualdade socioterritorial e pela riqueza cultural.

Palavras-chave: Recife; Periodização; Música; Uso do Território; Circuito Sonoro.

RECIFE IN THE PRE-ESCHIZOPHONIC PERIOD (... 1890): THE SOUND CIRCUIT AND THE INCREASE OF COMPLEXITY IN THE LIFE OF RELATIONS IN THE CITY

ABSTRACT

We investigate the links between urban dynamics and the music in Recife over time, focusing our analysis on the period before the arrival of the schizophonia phenomenon - the split between origin and sound diffusion, engendered from the telegraph - in the city. Based on bibliographical and documentary survey on the subject, meditate on the metropolis taking as input the notion of sound circuit, the set of materiality and actions moved around the variables music and sound. Highlighting the examination of the formation processes of the territory used, we present a timeline for the music and the city of Recife. From the sound circuit unveil conflicts constituents of a city historically marked by socio-territorial inequality and cultural richness.

Keywords: Recife; Periodization; Music; Use of the Territory; Sound Circuit.

INTRODUÇÃO

A música produzida no Recife é ela igualmente, responsável pela composição e pelo andamento da cidade. Tal premissa norteia nosso esforço no sentido de melhor compreender a dinâmica socioterritorial na capital pernambucana a partir de sua variável musical. Que lugares

e situações podem ser criados por meio da música? Qual é o papel do elemento musical na produção da polis?

Objetivamos no presente artigo avaliar os nexos entre a dinâmica urbana e a música no Recife ao longo do tempo. Problematizando a circulação da variável informacional no território, centramos nossa análise do Recife em seu período pré-esquizofônico, ou seja, o momento anterior à chegada do fenômeno da esquizofônia (SCHAFER, 1997 [1977], p. 133), a saber, a cisão entre procedência e difusão sonora engendrada a partir da criação do telégrafo, afastando os sons de seus contextos originais por meio da “transmissão ou reprodução eletroacústica.” Tratou-se de um período no qual a informação sonora e musical dependia necessariamente do corpo humano para ser transmitida, empiria que pode trazer interessantes elementos para refletir sobre a natureza dos fluxos imateriais na urbe de ontem e de hoje.

Entendemos ser a cidade, concepção precedente à ideia de urbano (LENCIONI, 2008), o centro nodal do desenvolvimento dos sistemas de circulação, material e imaterial, tornando-se “o ponto de referência de uma gama de conexões que recobre e vai deitar-se sobre o espaço terrestre como um todo numa única rede” (MOREIRA, 2007, p. 58). Tratar-se-iam as cidades, de “produtoras do espaço geográfico” por excelência, estendendo o seu poder a um espaço circundante (ISNARD, 1978, p. 12).

Propomos analisar o modo como a cidade produz e é produzida pelo espaço geográfico, a hibridização entre sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 1997) tomando como entrada a noção de circuito sonoro. Responsável por importantes espessuras, entendemos a presença desse Circuito e de sua constituição a partir de uma série de elementos. A dinâmica do Circuito recifense implica ao longo do tempo, no uso das ruas, praças, teatros, entre outros. Sua dinâmica engloba o registro as mediações cotidianas das experiências relacionadas à música, a saber: associações e conflitos, seja nos eventos musicais, nas ações de trabalhadores culturais ou nos fluxos informacionais embutidos nos lugares.

A pesquisa baseou-se em levantamento bibliográfico e documental sobre a temática, reunindo-se informações presentes em livros, artigos de periódicos, artigos de jornais, mapas, fotos, entre outros. No desenvolvimento dessa metodologia, além da consulta a arquivos digitais, esmiuçaram-se os arquivos de bibliotecas, fundações, universidades e órgãos do poder público, no Recife e fora dele.

No presente artigo, inicialmente apresentamos ao leitor o nosso partido de método, destacando o recurso à periodização, caro ao exame dos processos formadores do território usado (SANTOS, 1997). Em seguida propomos uma periodização para a música e a cidade do Recife em seu período pré-esquizofônico, para então, tecermos nossas considerações finais.

Apoiamos-nos, entre outros, nos trabalhos de Pailhé (1998), Brennetot (2004), e Pendanx (2006), cujas abordagens parecem trazer, a partir de outras realidades, consideráveis elementos para melhor expressar o nosso entendimento da dinâmica territorial a partir da música.

EXPONDO O MÉTODO DE PESQUISA: O TERRITÓRIO USADO E O RECURSO À PERIODIZAÇÃO

Nossa reflexão parte da categoria território usado, proposta por Santos & Silveira (2001, p. 20), sinônimo de espaço geográfico, entretanto apontando para “a necessidade de um esforço destinado a analisar sistematicamente a constituição do território.” Segundo Santos (1997, p. 232): “A utilização do território pelo povo cria o espaço” produção unificada de duas demandas: a tecnosfera, a dimensão da materialidade, do mundo físico e dos objetos, em geral associada à demandas externas ao lugares e a psicofera, a dimensão imaterial, dos fluxos informacionais, da ideias, crenças, paixões e ideologias, lugar da criação de valores e hábitos.

No estudo da música e do uso do território no Recife ao longo do tempo, lançamos mão do recurso à periodização (SANTOS, 1997). Entender o funcionamento do circuito sonoro nos remete às continuidades e descontinuidades territorializadas, um “tempo empiricizado” (SANTOS, 1997), manifesto nos sistemas de eventos nos lugares, motor e amarração dos hábitos cotidianos.

Com a periodização, buscamos as camadas do projeto social, acumuladas nos lugares. Conforme Silveira (1999, p. 22), as demarcações dos períodos evidenciam “situações geográficas” decorrência de um “conjunto de eventos geografizados”, pois tornados “materialidade e norma” mudando os lugares e a sua geografia.

Ribeiro (1994) e Connerton (1999), afirmam a necessidade de considerar a memória dos lugares, enquanto, na defesa de uma análise geomusical ao longo do tempo, Gironcourt (1927, p. 302) propõe, a escuta “da grande voz dos ancestrais, que ressoa desde a pré-história.”¹

Nesse sentido, pontua Sauer (2006, p. 6) que as origens e os processos devem fazer parte da análise geográfica, concomitantemente retrospectiva e prospectiva:

O retrospectivo e o prospectivo são diferentes extremidades da mesma seqüência. O presente, portanto, é nada mais do que um ponto em uma linha, cujo desenvolvimento pode ser reconstruído a partir de sua criação, e cuja projeção pode ser levada adiante. A retrospectiva se preocupa com as origens, não antiguidades (...) o conhecimento de

¹ “... la grande voix des ancêtres, qui résonne depuis la préhistoire (GIRONCOURT, 1927, p. 302)

Recurso instrumental a uma decomposição analítica do componente temporal do espaço, Arroyo (1996, p. 79) sugere que passado, presente e futuro são simultaneamente unos e diferenciáveis: “Assim como o passado é um componente do presente e só pode ser explicado por ele, o presente contém elementos de um futuro não realizado, e é apenas a partir dele que o futuro pode ser percebido.”

Assim sendo, o trabalho do geógrafo passa pela integração espacial de “tempos cuja duração e, conseqüentemente, cujo significado são diferentes” (DOLLFUS, 1973, p. 116) daí Isnard (1978, 1982) apresentar a noção de “composição poligênica” ao encontro do fato de que consecutivamente, as gerações conjugam-se a determinadas organizações espaciais, resultando em formas-conteúdo oriundas de diversas épocas, coexistindo no espaço geográfico.

Por fim, atentando para Correa (2000) e Silveira (2011) aprofundamos que o enfoque genético sobre o Recife e a música, pauta-se na unidade do fato urbano e da formação socioespacial³, manifestação da história territorial: “Na análise da problemática urbana, parece primordial partir da indissociabilidade histórica da formação socioespacial – que diz respeito às maneiras como o território foi usado ao longo da história – das dinâmicas e formas urbanas” (SILVEIRA, 2011: 35). Isto posto, a seguir lançamos o olhar para a história territorial do Recife destacando o circuito sonoro enquanto elemento constituinte da dinâmica da urbe.

ANALISANDO, O TERRITÓRIO USADO, O SOM E A MÚSICA NO RECIFE PRÉ-ESQUIZOFÔNICO

A música envolve o território do Recife, desde os primeiros anos de sua existência, quando se tratava ainda de uma pequena nucleação humana, seja na habilidade musical dos nativos da terra então recém-ocupada pelos portugueses ou no trabalho dos mestres de capela, cujos primeiros registros, segundo J. Diniz (1972), remontam ao ano de 1564.

Quando os holandeses chegaram para tomar o Recife em 1630, encontraram um bairro portuário ligado à Olinda com cerca de 150 casas e alguns armazéns (CASTRO, 1953).

² Lo retrospectivo y lo prospectivo son fines diferentes de la misma secuencia. El presente, por tanto, no es más que un punto en una línea, cuyo desarrollo puede ser reconstruido desde sus inicios, y cuya proyección puede ser llevada hacia el futuro. La retrospectión se ocupa de los orígenes, no de las antigüedades, y tam-poco simpatizo con el punto de vista timorato de que el científico social no debe arriesgarse a predecir. El conocimiento de procesos humanos sólo puede ser obtenido si la situación contemporánea es entendida como un punto en movimiento, un momento en una acción que tiene comienzo y fin.”(SAUER, 2006, p. 6).

³ Sobre a inunção entre rede urbana e tempo afirma Correa (2000, p. 122): “O tempo, impregnado de processos, funções e formas, assim como das contradições delas derivadas, é um determinante fundamental que fixa ao menos temporariamente, os elementos combinados da rede urbana.”

Todavia, Pernambuco tinha relevante importância econômica, uma vez que, na Capitania, se localizavam 144 dos 160 engenhos de açúcar do nordeste. A partir da ocupação holandesa o Recife passaria de Villa Marina D'Olinda ligada aos serviços pesados de função portuária à sede do poder pernambucano.

Castro (1953, p. 128) afirma a forte influência da “pressão modernizadora inicial” pelas mãos dos holandeses, durante a ocupação exercida entre os anos de 1630 e 1654. O autor supracitado nos fala de uma “cidade criada para servir ao porto, mas que logo se faz dona e senhora deste porto” (idem, p. 150) e que ao longo do tempo viria a ser impingida por secas e estagnação devido à monocultura açucareira em amplo e agudo processo de crise, sobretudo a partir do século XVIII.

Essa força de modernização e o impulso econômico dado pela economia açucareira tornaram o Recife uma das mais bem estruturadas urbes do continente em meados do século XVII⁴: “provavelmente a segunda cidade do Brasil e uma das mais modernas do continente do ponto de vista urbanístico” (SINGER, 1968, p. 274).

Em sintonia com a ideia de liberdade de ação comercial (GALINDO, 2001) os holandeses fomentaram toda uma vida cultural durante a ocupação do Recife. Ao serem expulsos da cidade em 1654, começaram a desenvolver a sua produção açucareira nas Antilhas, e se tornaram concorrentes do Brasil. A urbe enfrentaria uma grande crise associada ao declínio da produção da cana-de-açúcar em competição com o açúcar de beterraba das Antilhas, além da concorrência da extração de ouro em Minas Gerais e as epidemias de cólera e febre amarela.

No ano de 1709, o Recife, então com 12 mil habitantes se tornaria vila em relação a Olinda, transformada então na capital de Pernambuco. Por volta de meio século depois da presença holandesa, observaria-se um declínio da população recifense. Resultado dessa convulsão, no ano de 1724, o Recife abrigava 7000 habitantes ao passo que 3000 pessoas residiam em Olinda.

A cidade retomaria um crescimento no último quarto do século XVIII⁵ e em especial a partir do século XIX. Tratou-se, este, de um século no qual a mancha urbana do Recife avançou

⁴ Coube aos holandeses, entre outros, a instalação no Recife de: “... um plano de construções ordenadas e disciplinadas dentro de um sistema de construções defensivas, canais de drenagem e de circulação urbanas, um jardim botânico e um zoológico, um observatório astronômico e outras várias expressões da vida inerentes a paisagem cultural das grandes cidades ocidentais” (CASTRO, 1953, p. 150). Nessa via, afirma Menezes (1996, p. 10): “Analisando o conjunto projetado, possivelmente pelo arquiteto Pieter Post, temos um primeiro Plano Diretor para uma cidade nos trópicos. Tudo funciona perfeitamente bem e é tão marcante o conjunto traçado que irá influenciar depois de 1654 as realizações luso-brasileiras.”

⁵ Em 1774 na área que hoje corresponde a Região Metropolitana do Recife - RMR, viviam 90 mil pessoas, das quais 20 mil moravam em Recife.

para o interior, constituindo pequenas aglomerações em torno dos engenhos⁶, povoamento que se tornariam os nós da articulação urbana em forma de arco que caracteriza o Recife de hoje:

Ao longo deste século, a cidade se expande para oeste, seguindo o rumo de 5 vias de penetração para o interior: na direção norte, para Olinda, na direção oeste, para Dois Irmãos e Caxangá e, na direção sul, para Afogados e Jiquiá, buscando antigos engenhos, que se constituíam, na verdade, em pequenas povoações com atividades comerciais significativas
(AMORIM & LOUREIRO, 2004, p. 79)

Fenômeno associado ao espraiamento da mancha urbana seria este século marcado ainda pela reorganização da configuração territorial do Recife, no que diz respeito ao surgimento de novas formas urbanas, momento no qual os espaços públicos:

...se tornaram evidentes e portadores de funções urbanas específicas e essenciais certos elementos paisagísticos – arcos, pontes, edifícios, percursos, vegetação e rios – que, de forma pontual ou contínua, interligavam os espaços públicos – pátios, largos, praças e cais.
(ALMEIDA, 2005, p. 116).

O Recife se reorganizava em especial devido ao aumento da produção de algodão, mais voltada para o interior, cultivada em menores propriedades cujo desenvolvimento fomentava o comércio da cidade. No tocante a evolução dos costumes e influências culturais no Recife, aspecto importante do circuito sonoro, a abertura dos portos em 1808, além de majorar o número de estrangeiros na cidade, argumenta Silva (1998, p. 3) acarretaria um ampliação do consumo por parte das elites aumentando o “gosto pelos novos usos e costumes oriundos de centros da Europa.”

No ano de 1809 o Recife tinha vinte e cinco mil habitantes, enquanto em Olinda moravam quatro mil pessoas. Consequência dessa inversão de papéis numa ainda incipiente rede urbana (GEIGER, 1963), em 1823 o Recife se tornaria a capital da província de Pernambuco.

Nas ruas daquele Recife um fluxo sonoro e informacional, ainda que incipiente, engendrava-se em torno dos negros de ganho, escravos vendedores, artesãos, ambulantes ou carregadores, que ao final do dia prestavam contas ao seu explorador, podendo se reunir “nas horas de descanso, com cativos de toda a cidade, seja para dar e receber informações, seja para cantar e dançar músicas carregadas de suor da Mãe-África...” (CATARINO, 1985, p. 11).

⁶ Costa (2003, p. 74) apresenta detalhes do ambiente dos sítios e chácaras arraigados na expansão do Recife em torno dos engenhos na aurora dos anos 1800: “Nas terras dos antigos engenhos de Casa Forte, Monteiro e Apipucos surgem, no início do século XIX, os sítios e chácaras (...) As casas construídas no interior destes sítios eram soltas no terreno e no entorno havia muita área verde, com abundantes árvores. As primeiras casas construídas nos sítios tinham a sua fachada frontal voltada para o rio Capibaribe e eram servidos por um pequeno cais de embarque e desembarque.”

Na primeira metade do século XIX ocorreu no Recife a abertura de ruas, de pontes, a instalação de ingleses e a presença de técnicos urbanistas franceses. No período destacou-se ainda a construção de um cemitério, da companhia de água, a implantação da iluminação com lâmpadas, bem como a disseminação do uso de tração animal.

Para entender esse momento, Araújo (1996) direciona um olhar cuidadoso aos novos aspectos incutidos a configuração territorial e ao cotidiano das cidades brasileiras a partir dos anos 1820 e mais fortemente na segunda metade do século XIX, período no qual:

...as grandes cidades brasileiras conheceram melhoramentos inusitados que alteraram profundamente sua configuração espacial e paisagística: calçamento nas ruas principais, iluminação a gás carbônico em lugar do azeite de peixe e que se costumava usar no Recife, água encanada, carroças coletoras de lixo, estradas de ferro ligando as várias partes da região, bondes de burros, hospitais, pontes, cemitérios públicos dentre outros. (ARAÚJO, 1996, p. 173).

Uma vida cultural começava a florescer na rede urbana regional em torno do Recife e no ano de 1825 nascia o primeiro jornal da cidade: o Diário de Pernambuco, então com sede na Rua Direita. Na urbe, e para além dela, aportaram uma série de inovações conjugadas a diversas espessuras informacionais:

... surgiram novos teatros, expandiram-se os títulos, a variedade e os estilos de jornais, fundaram-se cursos superiores de direito, de medicina e de engenharia e associações culturais do porte de institutos arqueológicos, históricos e geográficos em diversas províncias. (ARAÚJO, 1996, p. 173).

Nesse ensejo o adensamento da vida cultural teve o seu rebatimento no Recife, entre outros, pelo surgimento de lugares específicos para se ouvir música e acompanhar apresentações artísticas em geral. Numa cidade na qual o piano⁷ já fazia parte da vida das elites, iniciou-se uma topologia para o circuito sonoro (Quadro 1) com a instalação de locais como a Casa da Ópera, o primeiro a reunir as pessoas para ouvirem óperas italianas executadas pela Orquestra Gamboa, passando pelos Teatros Apolo e Santa Isabel (SILVA, 1999).

Interessante destacar que o processo de alocação de fixos destinados à música e à cultura em geral, ocorrera então, não apenas no núcleo urbano recifense mas também em seus subúrbios⁸, como Capunga, Afogados ou Várzea (SILVA, 1999).

No ano de 1850, o Teatro Santa Isabel era inaugurado, passando a ser "... o ponto de encontro de vários artistas músicos que visitaram o Recife, vindos da Itália, da Alemanha, da

⁷ Sobre o tema, afirma Teles (2004, p. 6): "No século 19, nos salões dos casarões recifenses, dançavam-se valsas, mazurcas, polcas, o schottish. Era muito comum famílias possuírem pianos. Nas ruas elegantes da cidade, havia confeitarias, muitas destas com música ao vivo."

⁸ Além das sociedades recreativas elencadas no Quadro 1, Silva (1998) afirma que no Recife até o ano de 1841 abrigava as sociedades Euterpina, Sociedade Teatral Recreio e Instrução, Terpsichore Theatral, Recreio da Juventude, Pastoril, Panense, Campestre Teatral do Manguinho e a Amélia Pernambucana.

França e dos nossos próprios artistas - que eram muito bons” (SILVA, 1999, p. 145). Tratava-se do lugar para onde convergia a elite local na aurora dos circuitos culturais do Recife.

Quadro 1

Instalação e topologia dos fixos do circuito sonoro/teatral Recife, primeira metade do século XVIII		
Período/ano	Fixo	Localização
Início do século XIX	Casa da Ópera	Rua da Cadeia Nova hoje Rua do Imperador Dom Pedro II
1830	Teatrinho Engenho Brum	Várzea
1841	Sociedade Euphrosina	Beberibe
1841	Sociedade Lobentina	Beberibe
1843	Sociedade Harmônica Teatral Philo-Talia	
Anos 1840	Sociedade Natalense	Encruzilhada, Capunga, Afogados, Monteiro e Poço da Panela
1846	Teatro Apolo	Rua do Apolo, Bairro do Recife
1848	Clube dramático Familiar/ Teatro Nacional da Praia	Rua da Praia (Bairro de São José)
1850	Teatro Santa Isabel	Santo Antônio

Elaboração própria, 2014. Informações em Silva (1999) / Silva (1998).

Silva (1999) afirma que o Teatro Santa Isabel e as apresentações que nele ocorriam mudaram o panorama do circuito sonoro na capital pernambucana, com noitadas ao som da ópera cômica, da opereta francesa ou da zarzuela espanhola:

Após toda efervescência teatral ocorrida na cidade do Recife, a vida cultural de seus habitantes não poderia ser igual à das criaturas que viveram na primeira metade do século XIX pois, os níveis de compreensão foram alterados pela acumulação de conhecimentos obtidos das inúmeras obras que foram encenadas e que certamente, alteraram as consciências.

(SILVA, 1999, p. 149).

Ao mesmo tempo, a cultura popular se fazia nas ruas, em especial, pela ação do povo, tal qual o maracatu, de origem incerta, mas ao que tudo indica construído a partir de um intenso processo de negociação no qual a corte real era transmutada num intenso e colorido conjunto posto em movimento sob o som de um pesado grupo percussivo (LIMA & GUILLEN, 2007).

Nessa época maracatus como o Elefante da Bomba do Hemetério ou o Estrela Brilhante de Igarassu já atuavam na Região do Recife.

Igualmente sobre o circuito sonoro de outrora, deve-se pontuar a constituição de uma classe trabalhadora no Recife, participante das procissões religiosas na cidade, cada qual, de acordo com a ocupação, com seus estandartes, trajes, insígnias e símbolos:

As corporações, que muito ajudavam os artistas a constituir uma cultura comum, compareciam oficialmente às festas cívicas ou reais, ocasião em que costumavam apresentar uma dança coletiva característica do ofício: as chamadas danças de ofício. (ARAÚJO, 1996: 327).

Singer (1968) lembra que entre 1840 e 1850, ocorrera a modernização da produção do açúcar e se instalou a primeira indústria da cidade, uma fundição fornecedora de material para os engenhos⁹. Singer (1968) sublinha ainda que durante a administração do Conde de Boa Vista (1837-1865), ocorreram no Recife uma série de melhoramentos urbanos, tais quais pontes, o teatro, e os serviços de água e esgoto.

Por outro lado, Araújo (1996) afiança que a primeira metade do século XIX fora agitada nas terras pernambucanas, configurando um período de insegurança por parte das elites, temerosas quanto à possibilidade de choques e revoltas. Vale destacar que Pernambuco havia passado por motins em 1817, 1824 e 1848: “A elite pressentia e tinha consciência mais ou menos clara do risco que toda grande festa, toda reunião que envolvesse multidões carregava consigo” (ARAÚJO, 1996, p. 191).

Contra a festa, geralmente movida pela música, logo diretamente ligada ao circuito sonoro, tornou-se necessário criar medidas disciplinares. Intentou-se o controle de situações de agitação popular, daí a atenção especial ao carnaval, um tempo paralelo ao tempo rotineiro:

Este contexto de instabilidade e abalo da ordem pública e da disciplina social levou as classes dominantes a decidir pelo endurecimento do grau de tolerância em relação às práticas culturais populares. Decisão que tomou principalmente a forma de leis, posturas municipais e de propaganda ideológica que condenavam as manifestações e expressões da vivência dos grupos dominados. Na prática, o controle e a repressão absolutos mostravam-se inviáveis e, politicamente, não recomendados: uma extrema radicalização poderia levar a choques e revoltas ainda mais intensos. (ARAÚJO, 1996, p. 165).

Araújo (1996, p. 118) explica que no Brasil, o poder sempre procurou fazer da festa, uma ocasião “rigidamente definida”. A não participação nas festas determinadas pelo governo

⁹ Na época, explica Singer (1968), para modernizar a produção açucareira o governo lança o esquema dos engenhos centrais para produzir o açúcar, enquanto aos senhores de engenho resta apenas plantar a cana. O esquema não vingou e o processo resultou no surgimento das usinas, plantadoras da cana e produtora de seus derivados.

implicava em sanções e penas. Em especial na segunda metade do século XIX, ocorreram, por parte dos monarcas, tentativas judiciais de moralização das festas.

A esse respeito, cumpre destacar a repressão e a vigília com relação às festas carnavalescas da época, bem como a descrição dessa reunião popular contida na afirmação a seguir de Lima & Guillen (2007, p. 85):

Não só maracatus, como também blocos e troças carnavalescas, pastoris, circos, fandangos, além de pensões e casas de cômodo, bares, clubes esportivos, e até barraquinhas em quermesses de festas religiosas eram fiscalizados periodicamente por ‘peritos’ e ‘censores’ indicados pelo Inspetor de Polícia, que mediante o pagamento de valores previamente arbitrados, expediam as licenças de funcionamento.

Criava-se uma psicosfera (SANTOS, 1997) favorável à produção de uma consciência coletiva de acordo com o poder instalado pelas elites, deixando de lado a inquietação popular e a fúria separatista que marcaram principalmente o início dos anos 1800 em Pernambuco:

A festa incorporava um ato de criação simbólica, de produção de uma identidade coletiva para a província, que absorvia parte de sua história passada e presente: a parte vencedora na luta contra os batavos” (...) “os acontecimentos políticos recentes, marcantes na vida e a memória dos pernambucanos, naquela primeira metade do século XIX, foram propositalmente ignorados.
(ARAÚJO, 1996, p. 111)

Sobre o contexto do carnaval da época, Mota (2001, p. 87) afirma:

No Recife e em Olinda os caboclinhos, nações africanas, ursos, troças, clubes de frevo, maracatus, boi-de-carnaval, tribos de índios e agremiações carnavalescas empresariais tomam conta das ruas, becos e avenidas durante os dias do Momo, enchendo-os de cores, alegria, musicalidade, suor e emoções que fervilham da cabeça à ponta dos pés dos pernambucanos.

Com o tempo, aumentou a perseguição ao carnaval, tido como lascivo, originado nos bacanais, sinal da falta de civilidade de seus praticantes, que, entre outros, utilizavam água, pó e lama na celebração. As elites, fazendo uso da imprensa cobram das autoridades punições aos brincantes dessa festa carnavalesca. Na época, retrato do conservadorismo da sociedade de então, conta-nos Araújo (1996), que as mulheres da aristocracia não iam para a rua, exceto em dias de festa.

Eram alvos de repressão não somente os festejos de momo, mas os ajuntamentos cotidianos de escravos e livres em tabernas e nos sambas, bem como as reuniões de cultos africanos. De acordo com Maia (1999) na metade dos anos 1840 havia no Recife os inspetores de quarteirão “espancando escravos encontrados nas tabernas” (idem, p. 82) sendo os “sambas e batuques” (idem, p. 83), apesar de disseminados na cultura popular, proibidos mesmo em “casa de particulares” (idem).

Como se observa, as ruas conquistadas pelos menos favorecidos foram gradualmente arrancadas pelas classes dominantes. Surgiram bailes burgueses restritos, funcionando a partir de uma série de regras. A máscara, outrora costume negro, passaria a ser permitida apenas para os brancos, tornando-se um ideal das elites. Surgia a mascarada, à base de flores, serpentina e confete, tendo a máscara como símbolo de progresso e civilização. Tratou-se do modelo substitutivo do carnaval, transfigurado de festa popular, desenvolvida a partir da brincadeira do entrudo, em reunião ordenada, predicado do carnaval burguês (Mota, 2001).

O conformismo e a resistência (Chauí, 1985) presentes na ação dos artistas nos circuitos culturais no século XIX em Recife, expõem-se no argumento a seguir de Araújo (1996, p. 317):

Os artistas demonstravam assim uma atitude de resistência e de insubmissão para com o tratamento que recebiam, e revelavam o vínculo de classe que os unia. Entretanto, essa resistência inicial tendia a ceder lugar a um conformismo, fruto, em parte, do conhecimento da realidade em que se inseriam e que lhes concedia condição desfavorável no jogo das relações de força.

Ilustrando outro jogo forças, mais ligado diretamente ao uso do solo urbano, como bem lembra Baltar (2000) a ocupação das terras no Recife de meados do século XIX dava-se então, seguindo um padrão no qual os habitantes mais pobres fixavam-se “no centro mesmo da cidade, onde os alagados e baixios sujeitos à inundação das marés mais altas – sendo terrenos desprezíveis, ficavam ao alcance da apropriação.” (BALTAR, 2000, p. 53).

Ainda delineando a dinâmica urbana do Recife nos anos 1800, Milfont (2005) propõe que no período, o transporte fluvial em canoas, jangadas e barcaças se articulava fortemente com os fluxos da urbe, composta então por três freguesias praticamente insulares¹⁰: Bairro do Recife, Santo Antônio e São José e os arrebaldes, como Torre, Poço da Panela ou Madalena¹¹, servidos basicamente por esse tipo de transporte caro a cidade hídrica. Relevante indício de uma relação entre esse sistema de transporte e um incipiente circuito sonoro no Recife, Milfont (2005) conta que na freguesia de São José, a mais pobre dos três bairros da cidade, junto a um porto de canoas nas proximidades da Rua dos Martírios, ao que tudo indica, festas e batuques ocorriam, decorrência da habitual concentração de negros, muitos deles fugitivos, no entorno.

Para além do transporte fluvial, a cidade do Recife seguia ampliando sua conexão com outras cidades do entorno. No ano de 1858 entrava em operação o sistema ferroviário ligando a capital e o interior de Pernambuco, demonstrando a necessidade de aumentar a circulação na

¹⁰ Sobre a configuração territorial insular do Recife, Silva (1996), lembra que a cidade era composta até recentemente por uma série de ilhas como Retiro, Leite, Nogueira, Coque, Joana Bezerra, Pina, Maruim ou Joaneiro, antes destas formações terem seus limites aterrados, soldados ao continente.

¹¹ Também sobre a importância do transporte fluvial para os arrebaldes do Recife na época, consultar L. Silva & Bitoun (2007).

região. Até 1860, a população do Recife era composta por 70% de naturais da própria cidade, após essa época a média de residentes nascidos no Recife caíria para 55%.

A afirmação de Araújo (1996) dá interessantes elementos para pensar na constituição dos fluxos informacionais recifenses nessa época, com um primeiro espraiamento da imprensa pelo seu território:

A imprensa, meio de comunicação de intensa e profunda penetração e participação na vida política, social, cultural e cotidiana da cidade, alcançava com mais intensidade as elites letradas, mas indiretamente, por caminhos alternativos, suas mensagens repercutiam entre as camadas pobres e analfabetas.
(ARAÚJO, 1996, p. 43).

Avançando no tema dos fluxos e das espessuras informacionais do Recife na época, em 1871 se instalaram os bondes de burro para os bairros mais próximos do centro e, em 1877, começaram a operar as primeiras linhas de trem do Recife¹². De acordo com Amorim & Loureiro (2004, p. 80) estas linhas partiam da área central em direção aos bairros da Madalena, Afogados, Caxangá e Casa Forte e para a cidade de Olinda, consolidando a ocupação rumo ao oeste, seguindo o curso do Rio Capibaribe.

No ano de 1872 o Recife contava com uma população de 116 mil pessoas. O processo de adensamento demográfico do Recife de então demanda como elementos de análise, a migração episódica, as calamidades sociais e o deslocamento sazonal do agrestino para região canavieira (MELO, 1978). À essa região, com suas usinas e plantações, baseadas na concentração fundiária e no declínio da produção alimentar, associa-se uma constante debilidade e distorção de natureza estrutural de seu processo urbano.

A topologia musical e cultural recifense ao longo do século XIX (Figura 1) indica o abrigo de três teatros no núcleo urbano consolidado, além de um teatro na Várzea. As sociedades recreativas por sua vez localizavam-se nos arredores da cidade, enquanto os batuques, movimentados pelos negros, ocorriam na área central do Recife, às margens do Rio Capibaribe, em Beberibe e no alto de Olinda.

Figura 1



12
ma
A

nominação

Na segunda metade do século o termo batuque, utilizado para definir a festa de negros, cada vez mais fora dando lugar a denominação maracatu, congregando no final do século XIX cerca de uma dezena de grupos, mais tarde (não se sabe bem quando) denominados nações: “... formados majoritariamente de afro-descendentes, que compartilham práticas e costumes, dentre as quais se destacam as religiões de divindades e entidades” (LIMA & GUILLEN, 2007, p. 56).

As licenças para apresentações no carnaval dos últimos anos do século XIX publicadas nos jornais da época indicam a existência de uma quantidade significativa de maracatus (LIMA & GUILLEN, 2007). Aliás, naquele momento não apenas os maracatus, mas os blocos, troças ou pastoris dinamizam uma festa realizada em todo o Recife, refletindo o adensamento de sua história urbana: “Cada bairro tinha seus bailes, realizados na sede dos clubes mais modestos,

até mesmo na residência dos foliões mais entusiastas dançava-se até o dia amanhecer” (MOTA, 2001, p. 86).

Ora, trata-se do final do século XIX, momento no qual o Recife passava por um surto industrial (SINGER, 1968). O número de bancos sobe de dois para oito, surgiram fábricas de alimentos, de bebidas, de roupas, de utensílios diversos, de artigos de limpeza, de carroças, de charutos, de fumos e de couros. Eis o contexto de chegada do fenômeno esquizofônico e do esboço de uma vida industrial na capital pernambucana.

Considerações Finais

Argumentam Watson, Hoyle & Mager (2009, p. 856) que, embora a criatividade musical possa irromper em qualquer cidade, seja qual for a época, “certas cidades têm uma privilegiada história, criativa”, mostrando-se crucial num estudo dessa natureza, que o “meio ambiente construído, a população e o contexto socioeconômico da cidade sejam detalhadamente estudados” (Idem, p. 858)¹³

Nessa via, utilizando-se do recurso da periodização, nosso esforço foi no sentido de procurar os nexos entre a música e o fato urbano recifense, conflitantes associações expressas nas sucessivas situações geográficas acolhidas na capital pernambucana. Ora, o Recife lugar de abrigo dos mais diferentes povos caracteriza-se pela mescla e riqueza culturais, entremeadas a desigualdade socioterritorial. Nesse contexto, observa-se que a música desempenha importante papel na dinâmica da urbe desde a sua tenra idade.

No século XIX, no Recife, se delinearam paralelamente, melhoramentos urbanos e a difusão da festa nas ruas, tal como o carnaval ou os encontros de escravos e livres nos batuques – que daria origem aos maracatus - ambas as reuniões tidas como subversivas e perigosas, sistematicamente perseguidas pelo poder público, na tarefa de enquadrá-las. Eis um jogo de forças expresso na cultura, que se dá igualmente em torno da questão do uso do solo na cidade.

Pode-se assim dizer que, grosso modo nos anos 1870, configuraram-se duas orientações culturais distintas: de um lado os batuques e festas mundanas, nas ruas,

¹³ “Certain cities have a privileged history of creativity” (WATSON, HOYLER & MAGER, 2009, p. 856) “... the built environment, the population and socio-economic context of the city be studied in more detail.” (Idem, p. 858).

congregando os menos favorecidos e, de outro lado a aristocracia se utilizando de sociedades recreativas e teatros, lugares específicos para a reunião em torno da música e das artes em geral. Demonstram-se assim, a partir da dimensão cultural, a força da população negra e as tensões entre classes sociais, traduzidas na dialética existente entre o uso do espaço público e a conformação de espaços privados visando o fazer musical e o lazer em geral.

Por fim, fato caro à análise geográfica, o exame do uso do território recifense no período pré-esquizofônico a partir da noção de circuito sonoro, permite-nos refletir sobre a difusão de informações numa urbe e num tempo no qual aspectos centrais da transmissão de mensagens eram a copresença e o deslocamento do agente humano, por excelência, o mensageiro da *polis* de então.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Érica Audet de Almeida. A articulação dos espaços públicos na paisagem do Recife através da evolução urbana. (116-145 p.) In PONTUAL, Virgínia & CARNEIRO, Ana Rita Sá (orgs). História e paisagem: ensaios Urbanísticos do Recife e de São Luís. Recife: Bagaço, 2005.

AMORIM, Luiz & LOUREIRO, Claudia. As traças do Recife: um ensaio sobre um mosaico de cores, de cheiros e de sons. Arrecifes. Revista do Conselho Municipal de Cultura, Recife, 29 (9): 75-81, dez. 2004.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife. Recife: Fundação da Cidade do Recife, 1996.

ARROYO, Mónica. Território, transição e futuro. Revista Experimental, n° 1, 1996. Pp. 77-85.

BALTAR. Antônio Bezerra. Diretrizes de um plano regional para o Recife. Recife: Editora Universitária-UFPE, 2000 [1951]. 218 p.

BRENNETOT, Arnaud. Des Festival pour animer les territoires. Annales de Géographie, n° 635, 2004. Pp. 29-50.

BORBOREMA, Ana Cláudia Bezerra de Albuquerque; ANDRADE, Henrique José Lins Ferreira & MARQUES DE SÁ, Lucilene Antunes Correia. Da Cartografia dos Antigos Engenhos à Cartografia Holandesa e Portuguesa. Anais do 1° Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. Parati-RJ, 10 a 14 de maio de 2011. 18 páginas.

BRITTO, Fabiana Dutra. Co-implicações entre corpo e cidade: da sala de aula à plataforma de ações. In BRITTO, Fabiana Dutra & JACQUES, Paola Berenstein (Org). Corpocidade: debates, ações e articulações. Salvador: UFBA, 2010. Pp. 14-23.

CASTRO, Josué. A Cidade do Recife: ensaio de geografia urbana. Rio de Janeiro: Livraria- editora da casa do estudante do Brasil, 1953.

- CATARINO, Acácio Lopes. Considerações sobre o comércio ambulante nos inícios do século XIX. Arrecifes. Revista do Conselho Municipal de Cultura, Recife, 1 (1): 11-18, 1985
- CHAUÍ, Marilena. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo-SP: Brasiliense, 1985.
- CONNERTON, Paul. A Memória Social. In: Como as Sociedades Recordam. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- CORRÊA, Armando. A aparência, o ser e a forma (geografia e método). GEOGRaphia, ano II, n° 3, 2000. Pp. 7-25.
- COSTA, Luciana Santiago. Lugares em Casa Forte: onde residem as fortalezas dos lugares? Mestrado, Geografia, Universidade Estadual de Pernambuco. Recife, 2003.
- DOLLFUS, Oliver. “Geopolítica do Sistema-Mundo”. In: Santos, M. et al (orgs). O Novo Mapa do Mundo. Fim de Século e Globalização. SP: Hucitec/Anpur, 1993. Pp. 23-45.
- GALINDO, Marcos. História do Brasil na Holanda. Continente Multicultural. I (1): 28-37, janeiro, 2001.
- GEIGER, Pedro Pinchas. Evolução da rede urbana brasileira. Rio de Janeiro: INEP, 1963.
- GIRONCOURT, Georges de. Un nouveau département à la géographie: la géographie musicale. La Géographie. ns° 5-6, Paris: Société de Géographie, 1927. Pp. 292-302.
- ISNARD, Hildebert. O espaço do geógrafo. Boletim Geográfico. Rio de Janeiro. N°. 258/259, jan./dez. 1978, Pp.05-17.
- ISNARD, Hildebert. O espaço geográfico. Coimbra, Almedina, 1982.
- LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. Revista Geosp. São Paulo, n° 24, pp. 109-123, 2008
- LIMA, Ivaldo Marciano de França & GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Cultura afro-descendente no Recife: maracatus, valentes e catimbós. Recife: Bagaço, 2007. 250 p.
- MAIA, Clarissa Nunes. & CARVALHO, Marcus J. M. de. Recife, 1840-1880: políticas públicas e controle social In Cidades brasileiras II: políticas urbanas e dimensão cultural, 72-88. Recife: CAPES/COFECUB, 1999.
- MELO, Mário Lacerda de. Metropolização e subdesenvolvimento: o caso do Recife. Recife: UFPE, 1978.
- MENEZES, José Luiz Mota. Urbanismo e arquitetura do Recife e de Olinda (1654-1739). Suplemento Cultural, Diário Oficial-PE, X: p. 10-11, março de 1996.
- MILFONT, Magna. Caminhos e marcas na cidade: a influência do transporte fluvial nos rios e mares do Recife, do século XIX (81-111 p.) In PONTUAL, Virgínia & CARNEIRO, Ana Rita Sá (orgs). História e paisagem: ensaios Urbanísticos do Recife e de São Luís. Recife: Bagaço, 2005.

- MOTA, Sophia Karla Almeida. Frevo e identidade sociocultural pernambucana: um estudo etnoterminológico. Mestrado, Letras, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2001.
- PAILHÉ, Joël. Le jazz, mondialisation et territorialité. *Mappemonde*, n° 51, 1998. (pp. 38-43).
- PENDANX, Marie. Les bandas revisitent les lieux. *Geographie et Cultures*, n° 59, 2006. Pp. 27-42.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Mutações na sociedade brasileira: seletividade em atualizações técnicas da cultura. In SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia; SCARLATO, Francisco Capuano & ARROYO, Monica. *O Novo mapa do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1994. Pp. 151-170.
- SANTOS, Milton e SILVEIRA, María Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SAUER, Carl O. Hacia una geografia historica. *Geographia en Español*. N° 4, 2006. Pp. 1-18.
- SCHAFER. R. Murray. A afinação do mundo - uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. São Paulo: Unesp, 1997 [1977].
- SILVA, José Amaro Santos. A música no Recife no século XIX. *Revista Arte Comunicação-UFPE*. 4-5 (5-6): 137-150, 1998-1999.
- SILVA, Leonardo Dantas. Do arrecife dos navios à Vila de Santo Antônio. *Suplemento Cultural, Diário Oficial-PE*, X: p. 3-9, março de 1996.
- SILVA, Leonardo Dantas. Pequena história do piano em Pernambuco In o Som da Gota Serena. *Suplemento Cultural, Diário Oficial-PE*, p. 3-10, janeiro-fevereiro de 1998.
- SILVA, Maria G. B. e BITOUN, Jan. Auto-segregação no espaço periférico entre Recife e Olinda. Parte da dissertação de mestrado “Grandes Empreendimentos: As Modernizações e a Reconfiguração Territorial Promovida entre os Centros Urbanos de Recife e Olinda”, UFPE, 2007.
- SILVEIRA, María Laura. Uma situação geográfica: do método à metodologia. *Revista Território*, ano IV, n° 6, 1999. Pp. 21-27.
- SILVEIRA, María Laura. Economia Política e ordem espacial: circuitos da economia urbana. In *Território e ação social: sentidos da apropriação urbana*. SILVA, Catia Antonia da. Rio de Janeiro: Faperj/Lamparina, 2011. Pp. 35-51.
- SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise de evolução econômica de São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife*. São Paulo: Editora Nacional da USP, 1968.

TELES, José. *A música em Pernambuco*. Recife: Editora A. L. do Estado de Pernambuco, 2004.

WATSON, Allan; HOYLER, Michael & MAGER, Christoph. Spaces and networks of musical creativity in the city. *Geography Compass* 3/2, 2009. Pp. 856-878.